

MESA REDONDA

PERONISMO HOJE: ENTRE O POPULISMO E O
NEOCONSERVADORISMO :*Jose Luis Bendicho Beired**(Depto. de História - UNESP (Assis))*

O conteúdo das medidas tomadas pelo governo presidido por Carlos Menem põe em questão a identidade política das massas peronistas e do seu partido, desencadeando uma ruptura sem precedentes na história do peronismo. O mal-estar presente no interior dessa corrente política também se estende a grandes parcelas não peronistas da sociedade, que viram um presidente eleger-se COIL uma plataforma política que pouco tinha a ver com as iniciativas tomadas após a posse. De onde Menem e sua equipe extraíram a legitimidade social necessária para empreender um conjunto de drásticas medidas que configuram uma "revolu^{ção} conservadora"? Qual o significado dessa "revolu^{ção}" para a sociedade argentina e no contexto da história do populismo argentino? Depois de Menem, o peronismo continuará vivo como corrente populista, ou estaremos assistindo ao seu fim e ao nascimento de um pos-peronismo?

Menem vence o pleito de 1989 num quadro social marcado pelo desespero da população: diante da hiperinflação, da recessão, do empobrecimento acelerado e do crescimento do desemprego.: Essas eleições tiveram um caráter plebiscitário em que a sociedade não consagrou uma oposição qualquer ao governo de Raul Alfonsín, mas sim uma figura que simbolizava uma corrente política historicamente identificada com os interesses corporativos dos trabalhadores. Alternativa que procurou reencarnar personagens como Juan Domingo Peron e os caudilhos novecentistas¹ do interior do país que lutavam contra os políticos liberais do litoral e de Buenos Aires, colocando-se como paladinos, dos descamisados e como figuras providenciais destinadas a reverter o grave quadro econômico e social.

Do ponto de vista econômico-social, as medidas implementadas pelo novo governo argentino significaram uma ruptura profunda com relação aquelas tradicionalmente defendidas pelo peronismo. Esse movimento populista foi constituído a partir da articulação de diversas correntes políticas e sindicais argentinas, na década de 1940, apresentando um conjunto de propostas que tinham muito em comum com o varguismo, o cardenismo e o aprismo: distributivismo econômico, fortalecimento do mercado interno, protencionismo, intensificação do papel interventor do Estado na economia, industrialismo, nacionalismo econômico e defesa da integração nacional e social.

Com a perspectiva de reverter o capitalismo argentino, o projeto menemista abandonou todas as propostas acima elencadas, valorizando exatamente tudo o que lhes e contrario. O modelo

econômico-social de tal projeto e o Chile de Pinochet e aponta para a transformação da Argentina num país essencialmente agro- exportador, com mercado interno livre, baixa inflação, alto grau de desemprego e subemprego, baixos salários e alto grau de polarização social.

A contrapartida política do projeto econômico menemista foi a sua aliança com setores políticos e sociais de direita e de extrema direita : para citar os mais importantes temos a União de centro Democrático - partido neoconservador -, os militares que fizeram oposição a Alfonsín e a direita do movimento sindical, completamente homogeneizado pelo peronismo. Fiador e maior

Beneficiário, o grande empresariado joga um papel fundamental na estratégia menemista. Vide, por exemplo o lugar ocupado pelo grupo multinacional Bunge y Born na definição e implementação de programa econômico no início da nova gestão governamental. Apesar da ruptura da estreita ligação desse grupo econômico com o governo ocorrida posteriormente, o empresariado continua sendo o interlocutor privilegiado pelo governo e o principal beneficiário das suas decisões. Nesse contexto, o movimento sindical tem sido relegado a segundo plano enquanto interlocutor e participante das decisões governamentais, rompendo-se uma tradição política no peronismo em que os dirigentes sindicais sempre desempenharam um papel de primeira grandeza.

O governo Menem tem se pautado pela ruptura de um padrão de desenvolvimento capitalista vigente há cinco décadas na Argentina, em que o Estado ocupava um lugar fundamental. Não é demais lembrar que atualmente esse é um fenômeno geral na América Latina, e que guarda uma relação estreita com a recomposição do capitalismo a nível internacional. No caso da Europa Ocidental, por exemplo, tal mudança tem se processado através da luta dos setores políticos neoconservadores e neoliberais contra o Estado de Bem-Estar Social. Apesar das evidentes diferenças entre a América Latina e a Europa, e um traço comum entre ambos os continentes a impressionante força com que as tendências neoconservadoras tem ganhado espaço social e político. O projeto governamental de Menem insere-se nesse quadro, como um dos momentos do avanço do neoconservadorismo, configurando no seu país o que certos analistas chamam de "revolução conservadora"³.

Entre as conseqüências da implantação desse projeto, uma das mais evidentes é a restrição e a ameaça às instituições democráticas, uma vez que uma condição básica para o seu sucesso é a restrição das decisões políticas sobre a economia. Tal restrição objetiva lograr a mínima interferência da cidadania organizada sobre o movimento das forças de mercado. Isto é, a lógica do mercado deve ser cada vez mais preservada das demandas da lógica política, implicando uma redefinição da identidade dos indivíduos, os quais passam a ser interpelados fundamentalmente como consumidores e produtores, e em segundo plano como cidadãos. Se, de um lado, a redefinição das identidades sociais é estimulada pelo discurso político do atual governo argentino e pela direção do Partido Peronista, de outro, tal transformação é poderosamente impulsionada pelos resultados materiais imediatos da política econômica do governo. Desindustrialização, desemprego crescente, recessão e arrocho salarial fatalmente acabam levando à desmobilização da sociedade civil, à desagregação dos movimentos sociais e das reivindicações coletivas por direitos, atingindo duramente a capacidade de luta dos partidos e até a sua legitimidade frente à sociedade. Mesmo o movimento sindical, tradicionalmente mais organizado, mais numeroso e mais poderoso do que outros movimentos sociais, vê-se acuado frente aos resultados das medidas de corte neoconservador sobre a massa de trabalhadores. Em suma, o quadro é bastante grave. Economicamente; aponta a curto e médio prazo para a deteriorização das condições de vida e emprego da população. Politicamente, num contexto em que a democracia política argentina encontra-se ainda muito frágil, não há perspectiva de consolidação democrática.

Uma vez que o peronismo protagoniza uma radical transformação da sociedade argentina

postulando medidas e idéias contraditórias com a sua tradicional identidade política, cabe perguntar se o que existe hoje como dominante no seu interior e algo absolutamente divorciado da tradição, peronista.

Como vimos, do ponto de vista econômico-social ha uma mudança profunda nas concepções dominantes dentro do peronismo - dizemos dominantes porque ha filiados e grupos organizados dentro, do partido e do sindicalismo peronista contrários as teses defendidas por Menem. Mas, de outro lado também e possível detectar uma serie de aspectos que guardam uma significativa relação de continuidade com determinadas tradições do peronismo.

Recorrendo permanentemente a antinomia nação / anti-nação, o peronismo tem recortado o campo político de modo a definir quem e "amigo" e "inimigo", quem esta e quem não esta ao lado da pátria. Profundamente maniqueísta, uma contrapartida dessa operação ideológica e a adesão explícita a um anticosmopolitismo político e cultural que vê, por exemplo, o liberalismo e o socialismo como correntes ideológicas exteriores ao verdadeiro caráter da nacionalidade argentina. Ao lado disso, continua exaltando o cristianismo enquanto sustentáculo dos valores genuinamente argentinos.

Outro traço de continuidade e a desvalorização da democracia política e dos seus mecanismos de representação em favor do apelo direto ao povo. Nesse sentido, privilegia-se a identificação líder-povo, lider-nação, produzindo um deslocamento da legitimidade do sistema político ela provem menos dos mecanismos eleitorais inerentes a democracia representativa do que da correspondência com os interesses fundamentais da nação. O governo tem produzido uma política de Estado em que os interlocutores principais são os grupos de interesses corporativos-empresarios militares, sindicatos de trabalhadores e Igreja católica - tradicionalmente qualificados pelo peronismo como as agrupações mais representativas da nação. Menem personifica um peronismo que continua submerso numa cultura política autoritária. A política tende a ser concebida pelo governo sob a lógica da guerra - com os atores sendo interpelados de forma extremamente maniqueísta -, em que aos adversários não resta outra alternativa senão aniquilar-se. Nessa perspectiva, herdada da tradição peronista, trata-se, pois, de destruir - sem reconhecer a legitimidade - os adversários políticos, considerados defensores de interesses externos, alheios a nação argentina.

Para concluir, pode-se afirmar que a política econômica implementada por Menem esta enterrando a concepção populista que o peronismo teve ao longo da sua história a respeito da gestão da economia. Entretanto, do ponto de vista político, podemos observar uma grande continuidade em determinados aspectos autoritários da cultura política peronista. Atualmente, as posições defendidas por Menem são dominantes na direção do Partido Peronista e tendem a gerar uma crise profunda no seu interior, que por ora não e possível prever o desfecho. Mas, e certo que as iniciativas ate agora tomadas pelo governo e as concepções subjacentes ao peronismo não são nada estimulantes para a construção de uma sociedade moderna baseada na democracia e no pluralismo, demandas estas produzidas pela própria modernidade, e que em algum momento hão de querer cobrar os seus direitos.

NOTAS

1-Nascido em La Riojá, província do norte argentino, Carlos Menem procura mostrar-se ao público como um continuador da luta do caudilho mais famoso da região, Facundo Quiroga, imortalizado no livro *Fagundo* de Domingo Faustino Sarmiento, como modelo da barbárie, segundo uma visão liberal da época.

2-BOSOER, Fabian - "Un Año de Revolución Conservadora" in *La ciudad futura*. Buenos Aires, n.22, p.6, Abr./Mayo,1990.

3-A proximidade do peronismo a grupos de direita não é nova, chegando a ser muito importante na própria origem desse movimento político. A novidade é a aliança com setores neoconservadores que há anos defendem uma política radical de privatização de empresas e dos serviços públicos, com vistas a alcançar um “Estado mínimo”. Também é bom lembrar que a aliança com tais grupos não é pacífica, haja vista que entre os militares há oposição às propostas privatistas.